

PRR alarga paliativos, mas equipas comunitárias continuam a ser insuficientes

Portugal tem atualmente 27 equipas constituídas e dinheiro da “bazuca” vai permitir criar mais 10

Mais 400 novas camas de internamento até 2025. Associação alerta que resposta atual não chega

Marisa Silva
marisa.silva@ext.jn.pt

SAÚDE Até ao final do próximo ano, Portugal vai ter mais 10 equipas comunitárias de suporte em cuidados paliativos no terreno. No total, feitas as contas com os dados fornecidos ao JN pelo Ministério da Saúde, passarão a ser 37 as equipas que prestam cuidados na casa de doentes. Haverá uma maior cobertura do país, mas o aumento ainda não será o ideal. De acordo com Rui Sousa Silva, presidente da Comissão Nacional de Cuidados Paliativos, os sucessivos planos estratégicos para o desenvolvimento da rede apontam para uma necessidade de 54 equipas comunitárias. O responsável reconhece que a “rede ainda não está completa” e garante que, desde que a comissão tomou posse, há um ano, tem vindo a articular com várias entidades no sentido de ajudar na constituição das equipas comunitárias. A Associação Portuguesa dos Cuidados Paliativos considera a resposta atual “insuficiente”.

De norte a sul do país, atualmente, existem 45 equipas intra-hospitalares de suporte de cuidados paliativos e 403 camas de internamento. Há, ainda, 27 equipas comunitárias ou domiciliárias de suporte em cuidados paliativos. Os fundos europeus do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) permitirão criar mais 400 camas de internamento de menor complexidade até ao final de 2025, sendo que a maioria ficará no Norte (180 camas). Prevê-se também a criação de mais 10 equipas comunitárias até ao final do próximo ano.

“As 54 equipas comunitárias é aquele número que nos dá a ideia de que, a nível nacional, pode haver uma cobertura minimamente razoável do territó-

rio. Agora, com o PRR, foi promovida a criação de mais 10 equipas. É uma situação que urge resolver”, afirmou Rui Sousa Silva, admitindo que, com a falta de equipas comunitárias em alguns locais, “há situações que não conseguimos dar resposta, nomeadamente a escolha do local de cuidados”.

“A pessoa pode dizer que quer ser cuidada em casa e depois pode falhar por este motivo [não haver equipa comunitária]. Não quer dizer que depois as respostas complementares, no hospital ou na rede de cuidados continuados, não possam ser ativadas”, sublinhou.

70% NÃO TEM ACESSO

A lei de bases dos Cuidados Paliativos, que criou a Rede Nacio-

Catarina Pazes

Associação Portuguesa
de Cuidados Paliativos

“O país não tem dado a devida atenção [aos cuidados paliativos]. Em termos legislativos, com a lei de bases de 2012, houve avanços importantes. O problema é que a priorização desta área clínica não tem acontecido na prática”

Rui Sousa Silva

Comissão Nacional
de Cuidados Paliativos

“Foi um grande marco histórico esta questão da lei de bases dos cuidados paliativos que definiu qual era a responsabilidade do Estado nesta matéria”

nal dos Cuidados Paliativos, foi publicada há uma década. Para a Associação de Cuidados Paliativos, “o país não tem dado a devida atenção” a esta área da saúde. Catarina Pazes considera a resposta atual “insuficiente” e defende que todos os hospitais devem ter uma unidade de cuidados paliativos. Também em todos os concelhos pede “um acesso igual a uma equipa comunitária de suporte”. Catarina Pazes cita os dados do relatório de 2019 do Observatório dos Cuidados Paliativos que estimavam cerca de 70% da população sem acesso aos cuidados.

A presidente da associação destaca a necessidade de se reforçarem as equipas de cuidados paliativos e de se criar uma “estratégia do ponto de vista da formação de profissionais”.

No que toca a recursos humanos, Rui Sousa Silva detalha que as equipas de cuidados paliativos são multidisciplinares. Incluem, entre outros profissionais, médicos, enfermeiros, assistentes sociais e psicólogos. Questionado sobre a falta de recursos humanos nos cuidados paliativos, o responsável disse apenas que a comissão nacional “tem um levantamento feito” sobre os profissionais necessários para as equipas. O documento já foi entregue “às instâncias relevantes”.

Sem conseguir precisar o número de doentes acompanhados em cuidados paliativos, Rui Sousa Silva explicou que está a ser ultimada a plataforma que vai permitir ter uma espécie de “BI dos cuidados paliativos”, à semelhança do que já existe para os cuidados de saúde primários. Ainda assim, não deu um prazo para a entrada em funcionamento. Em curso está também a definição dos critérios de referência para estes cuidados. ●

DADOS



equipas de Pediatria

Segundo o Ministério da Saúde, existem sete equipas intra-hospitalares de suporte em cuidados paliativos pediátricos, cinco das quais são especializadas.

Campanha

No âmbito do Dia Mundial dos Cuidados Paliativos, que se assinala hoje, a Associação Portuguesa de Cuidados Paliativos vai lançar a campanha “A tua vida importa-nos. O objetivo é dar a conhecer histórias reais de famílias, cuidadores e doentes com acesso a estes cuidados, “contribuindo para a sensibilização da população para a importância dos cuidados paliativos na vida de quem passa por um problema de saúde grave e/ou incurável”.



REPORTAGEM

Doença pode ser
incurável mas
há uma “ciência”
para aliviar
o sofrimento

Equipa de cuidados paliativos domiciliários do ACES Maia/Valongo tem a seu cargo 21 utentes. Cuidadores são uma peça fundamental



ID: 101569662

08-10-2022

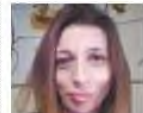
Assistência domiciliária a 21 utentes é assegurada por dois médicos e dois enfermeiros

Equipa conforta doente com cancro do pâncreas em fase terminal



SERGIO VALTELO/OLIVEIRA DE TRINDADE

ENTREVISTA
 “Reforçar os recursos humanos nesta área”



Alexandra Coelho
 Psicóloga na equipa intra-hospitalar de suporte em cuidados paliativos do Centro Hospitalar Lisboa Norte e docente do ISPA

Prestadores de saúde não enviam reclamações ao regulador

Obrigação está a ser desrespeitada e levou a alerta de supervisão

QUEIXAS Há hospitais, clínicas e outros prestadores de saúde que estão registados no Portal da Queixa e não enviam as reclamações de que são alvo à Entidade Reguladora da Saúde (ERS), desrespeitando uma obrigação legal. Por outro lado, aproveitam a plataforma para publicitar os seus serviços, quando a publicidade de saúde está sujeita a um regime específico. As situações levaram o regulador a enviar um alerta de supervisão aos prestadores.

Qualquer queixa dirigida a um prestador de saúde, público, privado ou social, tem de ser por este enviada, no prazo de dez dias úteis, para a ERS. O incumprimento desta obrigação legal está sujeito a contraordenação punível com coimas que podem ascender a 44 mil euros.

“A ERS constatou que alguns prestadores optaram por se registar naquele portal e a gerir a sua marca, não assegurando, porém, o envio à ERS do conteúdo integral das reclamações a que tiveram acesso após se registarem naquela plataforma” digital, adiantou a entidade.

PUBLICIDADE NO PORTAL

Ao JN, fonte oficial da ERS referiu que está a estudar as reclamações a prestadores de saúde submetidas no Portal da Queixa, não conseguindo nesta fase adiantar quantos prestadores estarão em incumprimento.

O regulador de saúde verificou ainda que existem “mensagens publicitárias veiculadas na plataforma digital” Portal da Queixa, concretamente nos perfis dos prestadores de cuidados de saúde aí registados, que se enquadram no conceito de “prática de publicidade em saúde” que está sujeito a um regime jurídico específico. ■ S.



LEONILDA COSTA/JORNAL DE NOTÍCIAS

ou para os cuidadores, cada pergunta colocada pela equipa comunitária é fulcral. Como se fossem chaves que permitem ir mais além no apoio prestado e no alívio dos sintomas que geram mal-estar. “O mais importante é todos os dias fazermos aquilo que está ao nosso alcance para que ele esteja o mais confortável possível. Paliativos é uma ciência; não é tristeza”, distingue o coordenador da equipa que presta assistência domiciliária a 21 utentes e que é composta por dois médicos e outros tantos enfermeiros.

“Estes médicos são impecáveis. Fantásticos”, elogia Esperança, que não equacionou colocar o marido num lar e optou por contratar uma cuidadora. Em Alfena, já no concelho de Valongo, Fátima recebe Manuel Barbosa e Vanessa Real, a enfermeira que o acompanha, com o olhar num brilho que quase faz esquecer que tem o corpo de 74 anos refém de uma esclerose lateral amiotrófica. É a nora, Vera, quem a segue “24 sobre 24 horas”. “Está bem cuidada, estimada”, observa o médico, que realça a importância de “haver um cuidador capaz e com vontade de colaborar”.

Consumido por um cancro do pâncreas em fase terminal, Américo Gonçalves também está entregue ao desvelo da nora, que se emociona com as palavras de Manuel Barbosa. “Só foi possível controlar as coisas e fazer com que o senhor Américo estivesse o mais confortável possível por causa deste vosso amor. Nós só vimos cá passar receitas e dar conselhos, porque quem está aqui são vocês. O mérito é vosso”. ●



Manuel Barbosa
 Médico

“A doença pode ser incurável, mas ainda há muito a fazer para que o sofrimento seja o mínimo possível. Paliativos é uma ciência específica, diferenciada. É a medicina o mais humanizada que existe”

miliários do Agrupamento de Centros de Saúde (ACES) Maia/Valongo, sediada em Águas Santas.

“Como está, senhor Abílio?”, questiona logo Manuel Barbosa, o jovem médico que coordena a equipa comunitária de suporte em cuidados paliativos daquele ACES. No quarto luminoso da moradia que o octogenário partilha com a mulher, Esperança, um “suficientemente mal” por resposta arrancaria sorrisos a todos, e seria apenas o preâmbulo da mordacidade do paciente, inconformado com a condição de acamado e moído pelas “dores no corpo todo”.

Direcionada para o doente

Ana Correia Costa
 sociedade@jn.pt

Abílio faz questão que se saiba: jogou voleibol profissional e pingue-pongue no Futebol Clube do Porto. Foi homem de compleição forte, desportista imortalizado em t-shirt e calções nas fotos a preto e branco emolduradas na parede, junto ao quarto onde disputa cada dia de vida com um cancro intratável.

Duriense nascido há 84 anos, no Pinhão, Abílio Batista finta desde 1997 uma teimosa neoplasia na próstata. Com humor, uma férrea vontade de viver e, desde março, amparado pela equipa de cuidados paliativos do-



JN
Jornal de Notícias
Fundado em 1888

ATAQUE
PADEL, A FEBRE QUE ENCHE PAVILHÕES EM TODO O PAÍS

F. C. Porto Dragão anuncia quatro renovações e perde Pepe por lesão

Benfica confiante frente ao Rio Ave. Amorim segura Adán **P. 41 e 43**

Segurança Esquadras do Porto recebem 186 polícias

Novos efetivos da PSP e GNR terão aumento de cem euros **P. 18**

Concurso para alunos do ensino profissional só resultou em 874 matrículas no Superior

Via especial pretendia ampliar acesso, já que apenas 18% prosseguem os estudos

Apesar da procura crescente, dois terços das vagas ficaram por preencher **P. 6**

Saúde Equipas de cuidados paliativos são insuficientes

Verbas do PRR permitem alargar apoio a doentes **P. 8 e 9**

Vinho Qualidade compensa quebra nas colheitas **P. 28**

Porto Governo avalia alterações nas portagens para aliviar VCI **P. 23**

Nobel da Paz Comité distingue opositores de Putin **P. 29**

Dinheiro Vivo Medina troca corte no défice por baixo crescimento

PREÇO DO LEITE QUASE DÚPLICA NUM ANO

Um litro de marca branca pode chegar aos 80 céntimos devido à escalada dos custos de produção **P. 4 e 5**

HOJE NAS BANCAS "ALFA ROMEO CHARMS 1959" POR APENAS +9,99€

BAJA TT NORTE DE PORTUGAL

CAMPEONATO PORTUGAL TODO-O-TERRENO

8/9 OUTUBRO MURÇA | VALPAÇOS

WWW.CAMI.PT

PUBLICIDADE